Folha da Manhã 22.XI.52

CMP 2.1.7.65

MONGE E BISPO

Na vasta comitiva que acompanhou a familia real portuguesa na emigração para o Brasil, uma das melhores figuras foi sem duvida frei Antonio de Arrabida, que aqui morreria a 10 de abril de 1850, com setenta e oito anos de idade, depois de ter alternado gloria e miseria. Lisboeta atraido precocemente pela quietude do claustro, e estando a servir de professor e bibliotecario do convento de Mafra, mereceu depressa a simpatia do então principe regente D. João, assiduo às cerimonias do culto nesse cenobio e apreciador do cantochão e do incenso, que lhe apaziguavam as torturas do infortunio domestico. Antes dos trinta anos era frei Antonio de Arrabida chamado à intimidade maxima do futuro d. João VI, como confessor e diretor espiritual. De grandes reservas de compreensão, suavidade e tato necessitaria o bom frade para serenar o hesitante, perplexo e aflito principe que lhe abria o coração e lhe pedia conselhos nos transes da desventura intima e nas crises cada vez mais temerosas do governo e da politica.

Quando, dividido entre as ameaças francesas e inglesas, o principe regente sofria a longa e hamleteana duvida acerca do embarque para o Brasil, cuidou-se que resolveria a situação a vinda, em seu lugar, do filho, o principe da Beira, e logo tocou a frei Antonio de Arrabida acompanhá-lo como secretario particular.

Veio porem afinal a familia inteira e o frade de Mafra deveria ser o mestre de d. Pedro, viajando com ele no mesmo barco, a nau Principe Real. Aí teve inicio o seu convivio diario com o futuro imperador do Brasil, na dificil incumbencia de instruir e educar criatura tão insofrida. Do deslumbramento seguido de tedio da travessia maritima, frei Antonio de Arrabida, familiar dos classicos latinos, buscou tirar partido aproximando o real discipulo da musa virgiliana, a ler-lhe com enfase cantos e mais cantos da "Eneida".

O confessor de D. João VI, talvez por muito devassar-lhe os moveis mais secretos, arrolou-se entre os portugueses que, aqui chegados em 1808, se deixaram seduzir pelos amavios da terra, abrasileirando-se, criando laços e raizes e, ao partir o rei, por decisão deste e sincero impulso proprio, ficou no Rio, de onde nunca sairia. Conhecedor dos refolhos do pai, continuaria a ser dos do filho, em cuja natureza complexa, certo desbragamento, sobretudo em materia sexual, não impedia manha e dobles.

Ouvindo-lhe os pecados, sussurrando-lhe ao ouvido advertencias ao homem e dando por escrito conselhos ao monarca, frei Antonio de Arrabida soube captar a esquiva confiança de D. Pedro, e merecer-lhe provas de irrecusavel apreço. Por lhe reconhecer o valor intelectual, fê-lo o imperador, em outubro de 1822, diretor da Biblioteca Publica. Nesse cargo o monge letrado não se remeteu a um ocio fradesco e excelentes serviços prestou à nossa maior livraria. Ao tratar da catalogação de quanto continha o acervo, descobriu os manuscritos da "Flora Fluminense", do padre mestre frei José Mariano da Conceição Veloso, que continham os desenhos de 1.639 especies de plantas, e não tardou em propor a D. Pedro a publicação desse trabalho. Não lhe caberia culpa no abandono em que ficaram as litografias feitas em Paris, vendidas mais tarde como papel velho.

Elevado em 1826 a bispo titular de Anemuria e feito coadjutor de D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo capelão-mor do Rio de Janeiro, nada mudou em sua vida frei Antonio de Arrabida, a morar sempre em sua cela de convento de Santo Antonio. Mas se lá já acorriam nos dias de 1822, em que se preparava a Independencia, os maiorais da politica — José Joaquim da Rocha, o general Nobrega, José Bonifacio, — lá iria ter tambem, em 1825, Sir Charles Stuart, mediador britanico com plenos poderes de D. João VI e portador de uma carta deste para o frade de sabio parecer.

Tido por toda a gente em boa conta, julgado pelo maldizente Marrocos "muito serio e bem conceituado", causou otima impressão ao reverendo Walsh, que lhe notou a inteligencia, as maneiras polidas, a despretenciosa cortesia através de um francês bastante correto.

Nomeado diretor da educação literaria dos filhos de D. Pedro I, recebendo sempre deste um tratamento afavel e até respeitoso — salvo por ocasião do regresso do imperador ao Rio de Janeiro, quando cuidou que o antigo mestre tivesse sido menos cordial para com a marquesa de Santos, na antecamara da falecida imperatriz D. Leopoldina — não faltou jamais frei Antonio de Arrabida com a verdade quando o monarca lhe pedia a opinião. E assim procedia não só por inteireza pessoal, senão tambem porque tivera sobre os joelhos aquele imperador, habituara-se a amá-lo, sabia-lhe os caminhos do coração e neste os bons impulsos, as zonas de intocada infancia.

Vale a pena referir episodio ainda não revelado e do qual ao cabo se sairam bem o monge ouvido sobre assunto politico de extrema gravidade e o monarca tentado a contrariar o seu destino de principe doador de Constituições. Ao aproximar-se o ano de 1830 a exacerbação da campanha liberal e a piora constante da questão portuguesa levaram D. Pedro I a pensar num golpe que lhe fortalecesse a autoridade. Nem mais nem menos, instigado possivelmente por José Clemente Pereira e pelo marquês de Queluz, pretendeu substituir a Constituição de 1824 por outra "inteiramente monarquica". Mas não se arriscou ao gesto louco sem ouvir a opinião do bispo de Anemuria. E a consulta foi respondida com a maior elevação e com uma bravura moral digna de homem verdadeiramente superior. O monge-bispo falou como politico avisado, conhecedor das condições do país, da sociedade adstrita ainda ao binomio — senhores e escravos, mas cheio de esperança nas reformas ensejadas pelo movimento da Independencia e pelo ensaio das instituições livres. Seria um vil traidor, disse, se não se manifestasse de todo em todo contrario ao que pretendia o imperador.

Amigo de D. Pedro I, tornou-se frei Antonio de Arrabida, que tão desinteressadamente defendera a Constituição, mal visto pelos liberais vitoriosos a 7 de abril de 1831. Nos tumultos de julho desse ano, um individuo armado de punhal foi até sua cela no convento de Santo Antonio e pouco depois o governo o demitia da Biblioteca Publica. Quem fizera voto de pobreza passou a viver miseravelmente de esmolas, homisiado em casa de um amigo. Assim suportou os anos mais agitados da Regencia, recebendo afinal a partir de 1836 uma congrua de um conto e duzentos mil reis anuais, votada pelas Camaras. Com o "regresso", na regencia de Araujo Lima, surpreendeu-o a visita pessoal do ministro do Imperio, Bernardo Pereira de Vasconcelos, que o foi convidar para o lugar de reitor do recem criado Colegio de Pedro II. Sobrevindo a Maioridade, ascenderia ao Conselho de Estado, então restabelecido, nele ficando até 1845. Mas, velho, doente, de novo enfrentaria privações, visto que lhe reduziram de um terço a congrua antes concedida, e, não se tendo aproveitado do prestigio de mestre, confessor e conselheiro de D. Pedro I, morria em situação de penuria propria de um franciscano. (ESI).

Otavio Tarquinio de SOUSA

(Exclusividade do E.S.I. para as FOLHAS no Estado de São Paulo)

MILITAR

(De um observador militar)

n os responsaveis pelas nossas ustrias e os conhecedores do r de nossas jazidas, para que, parados numericamente os es das nossas disponibilidaom os das nossas necessidaternas, possamos ter o glos nossos excedentes que ser exportados. A venda ser feita, não ao preço do mundial, mas sim ao necessidade mundial.

lecorrencia das leis noranas de Assistencia e utua de 1949 e de Seutua de 1951, o Acor- fornecimento de ma- ao Brasil, porem m seu § 2.o do Art. Governo se compro- uso eficaz da assis- a do outro, de con- n este Acordo, no r em execução os a, aceitos por amainam a sua parissões relevantes Hemisferio Ocizará essa assis- diversos daque- fornecida, sem do outro Go- vel até certo o do governo especificar o rial, desde da exposi- acompanha mento não nprestimo,

territorio moderno, que es- s forças éia, se- s Fortportu- m ele, aiores o la- á se- co- tro- o to abi- ni- en-

---

GONDIN DA FONSECA publica diariamente na FOLHA DA NO a seção IMPREN EM R

4.ª Zo

Em inspeção Quartel-General foram julgado cantes Olavo mair Raposo Plawetz, José Schuermann val Lautens tins e Gerc Manzolli, V Caldas e T

— Con "Diario ma ao s na grad João Ca subofic Costa.

— O ronaut Zona Franc de O tonic Ran Apr de tiã